

## OS APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO

O que é preciso acrescentar à «teoria marxista» do Estado é pois outra coisa.

Devemos agora avançar com prudência num terreno onde, de facto, os clássicos do marxismo nos precederam há longo tempo, mas sem ter sistematizado, sob uma forma teórica, os progressos decisivos que as suas experiências e os seus métodos e processos (*démarches*) implicaram. As suas experiências e métodos permaneceram de facto no terreno da prática política.

De facto, na sua prática política, os clássicos do marxismo trataram o Estado como uma realidade mais complexa do que a definição que dele se dá na «teoria marxista do Estado», mesmo completada como a apresentámos. Na sua prática reconheceram esta com-

ALTHUSSER, Louis. Idéologie e  
aparelhos ideológicos do Estado.

Trad. Joaquim José de M. Ramos.  
Portugal: Ed. Lusitana; Brasil:  
Liv. Martins Fontes, 1974.

plexidade, mas não a exprimiram numa teoria correspondente <sup>1</sup>.

Gostaríamos de tentar esboçar muito esquematicamente esta teoria correspondente. Para esse fim, propomos a tese seguinte.

Para se avançar na teoria do Estado, é indispensável ter em conta, não só a distinção entre *poder de Estado* e *aparelho de Estado*, mas também outra realidade que se situa manifestamente do lado do aparelho (repressivo) de Estado, mas não se confunde com ele. Designaremos esta realidade pelo seu conceito: *os aparelhos ideológicos de Estado*.

Que são os aparelhos ideológicos de Estado (AIE) ?

Não se confundem com o aparelho (repressivo) de Estado. Lembremos que na teoria

---

<sup>1</sup> Segundo o que conhecemos, Gramsci foi o único que se aventurou nesta via. Teve a ideia «singular» de que o Estado não se reduzia ao aparelho (repressivo) de Estado, mas compreendia, como ele dizia, certo número de instituições da «*sociedade civil*»: a Igreja, as Escolas, os sindicatos, etc. Gramsci não chegou infelizmente a sistematizar estas instituições que permaneceram no estado de notas perspicazes, mas parciais (cf. Gramsci: *Oeuvres Choisies*, Ed. Sociales, pp. 290-291 (nota 3), 293, 295, 436. Cf. *Lettres de Prison*, Ed. Sociales, p. 313.

marxista, o **Aparelho de Estado (AE)** compreende: o **Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, etc.**, que constituem aquilo a que chamaremos a partir de agora o **Aparelho Repressivo de Estado**. Repressivo indica que o **Aparelho de Estado** em questão «funciona pela violência», — pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo administrativa, pode revestir formas não físicas).

Designamos por **Aparelhos Ideológicos de Estado** um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. Propomos uma lista empírica destas realidades que, é claro, necessitará de ser examinada pormenorizadamente, posta à prova, rectificadas e reelaboradas. Com todas as reservas que esta exigência implica, podemos desde já considerar como **Aparelhos Ideológicos de Estado** as instituições seguintes (a ordem pela qual as enunciámos não tem qualquer significado particular):

— O AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas),

- o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares),
- o AIE familiar<sup>1</sup>,
- o AIE jurídico<sup>2</sup>,
- o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos),
- o AIE sindical,
- o AIE da informação (imprensa, rádio-televisão, etc.),
- o AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.).

Dissémos: os AIE não se confundem com o Aparelho (repressivo) de Estado. Em que consiste a diferença?

Num primeiro momento podemos observar que, se existe *um* Aparelho (repressivo) de Estado, existe uma *pluralidade* de Aparelhos ideológicos de Estado. Supondo que ela existe,

---

<sup>1</sup> A Família desempenha manifestamente outras funções para além das de um AIE. Intervém na reprodução da força de trabalho. E, segundo os modos de produção, unidade de produção e (ou) unidade de consumo.

<sup>2</sup> O «Direito» pertence simultaneamente ao Aparelho (repressivo) de Estado e ao sistema dos AIE.

a unidade que constitui esta pluralidade de AIE num corpo único não é imediatamente visível.

Num segundo momento, podemos constatar que enquanto o aparelho (repressivo) de Estado, unificado, pertence inteiramente ao domínio *público*, a maioria dos Aparelhos Ideológicos de Estado (na sua dispersão aparente) releva pelo contrário do domínio *privado*. Privadas são as Igrejas, os Partidos, os sindicatos, as famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais, as empresas culturais, etc., etc....

Por agora deixemos de parte a nossa primeira observação. Mas o leitor não deixará de relevar a segunda para nos perguntar com que direito podemos considerar como Aparelhos Ideológicos de *Estado* instituições que, na sua grande maioria, não possuem estatuto público, e são pura e simplesmente instituições *privadas*. Como Marxista consciente que era, Gramsci já salientara esta objecção. A distinção entre o público e o privado é uma distinção interior ao direito burguês, e válida nos domínios (subordinados) em que o direito burguês exerce os seus «poderes». O domínio do Estado escapa-lhe porque está «para além do Direito»: o Estado, que é o Estado da classe dominante, não é nem público nem privado, é pelo con-

trário a condição de toda a distinção entre público e privado. Podemos dizer a mesma coisa partindo agora dos nossos Aparelhos Ideológicos de Estado. Pouco importa que as instituições que os realizam sejam «públicas» ou «privadas». O que importa é o seu funcionamento. Instituições privadas podem perfeitamente «funcionar» como Aparelhos Ideológicos de Estado. Uma análise um pouco mais profunda de qualquer dos AIE seria suficiente para provar o que acabámos de dizer.

Mas vamos ao essencial. O que distingue os AIE do Aparelho (repressivo) de Estado, é a diferença fundamental seguinte: o Aparelho repressivo de Estado «funciona pela violência», enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado *funcionam «pela ideologia»*.

Podemos precisar rectificando esta distinção. Diremos de facto que qualquer Aparelho de Estado, seja ele repressivo ou ideológico, «funciona» simultaneamente pela violência e pela ideologia, mas com uma diferença muito importante que impede a confusão dos Aparelhos Ideológicos de Estado com o Aparelho (repressivo) de Estado.

É que em si mesmo o Aparelho (repressivo) de Estado funciona de uma maneira massiva-

mente prevalente *pela repressão* (inclusive física), embora funcione *secundariamente* pela ideologia. (Não há aparelho puramente repressivo). Exemplos: o Exército e a Polícia funcionam [também] pela ideologia, *simultaneamente* para assegurar a sua própria coesão e reprodução e pelos valores que projectam no exterior.

Da mesma maneira, mas inversamente, devemos dizer que, em si mesmos, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente *pela ideologia*, embora funcionando *secundariamente* pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (Não há aparelho puramente ideológico). Assim a escola e as Igrejas «educam» por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de selecção, etc., não só os seus oficiais, mas as suas ovelhas. Assim a Família... Assim o Aparelho IE cultural (a censura, para só mencionar esta), etc.

Será útil referir que esta determinação do duplo «funcionamento» (de maneira prevalente, de maneira secundária) pela repressão e pela ideologia, consoante se trata do Aparelho (repressivo) de Estado ou dos Aparelhos Ideológicos de Estado, permite compreender o facto

de constantemente se tecerem combinações muito subtis explícitas ou tácitas entre o jogo do Aparelho (repressivo) do Estado e o jogo dos Aparelhos Ideológicos de Estado? A vida quotidiana oferece-nos inúmeros exemplos disto que é preciso estudar em pormenor para irmos mais além da simples observação.

Esta observação obre-nos a via da compreensão do que constitui a unidade do corpo aparentemente dispar dos AIE. Se os AIE «funcionam» de maneira massivamente prevalente pela ideologia, o que unifica a sua diversidade é precisamente este funcionamento, na medida em que a ideologia pela qual funcionam é sempre unificada apesar das suas contradições e da sua diversidade, na ideologia dominante, que é a da «classe dominante»... Se quisermos considerar que em princípio a «classe dominante» detém o poder de Estado (de uma forma franca ou, na maioria das vezes, por meio de Alianças de classe ou de fracções de classes), e dispõe portanto do Aparelho (repressivo) de Estado, podemos admitir que a mesma classe dominante é activa nos Aparelhos ideológicos de Estado. É claro, agir por leis e decretos no Aparelho (repressivo) de Estado e «agir» por intermédio da ideologia

dominante nos Aparelhos ideológicos de Estado são duas coisas diferentes. Será preciso entrar no pormenor desta diferença, — mas ela não poderá esconder a realidade de uma profunda identidade. A partir do que sabemos, *nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado*. Dou um único exemplo e prova: a preocupação lancinante de Lenine de revolucionar o Aparelho ideológico de Estado escolar (entre outros) para permitir ao proletariado soviético, que tinha tomado o poder de Estado, assegurar o futuro da ditadura do proletariado e a passagem ao socialismo <sup>1</sup>.

Esta última nota permite-nos compreender que os Aparelhos Ideológicos de Estado podem ser não só o *alvo* mas também o *local* da luta de classes e por vezes de formas renhidas da luta de classes. A classe (ou a aliança de classes) no poder não domina tão facilmente

---

<sup>1</sup> Num texto patético datado de 1937, Kroupskaïa conta a história dos esforços desesperados de Lenine e daquilo que ela considera como o seu fracasso («*Le chemin parcouru*»).

os AIE como o Aparelho (repressivo) de Estado, e isto não só porque as antigas classes dominantes podem durante muito tempo conservar neles posições fortes, mas também porque a resistência das classes exploradas pode encontrar meios e ocasiões de se exprimir neles, quer utilizando as contradições existentes (nos AIE), quer conquistando pela luta (nos AIE) posições de combate<sup>1</sup>.

Resumamos as nossas notas.

---

<sup>1</sup> O que aqui é dito rapidamente, da luta de classes nos Aparelhos Ideológicos de Estado, está evidentemente longe de esgotar a questão da luta de classes.

Para abordar esta questão é preciso ter presente no espírito dois princípios.

O primeiro princípio foi formulado por Marx no Prefácio à *Contribuição*: «Quando se consideram tais perturbações (uma revolução social) é preciso distinguir sempre entre perturbação material — que se pode constatar de uma maneira cientificamente rigorosa — das condições de produção económicas, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas nas quais os homens tomam consciência deste conflito e o levam até ao fim.» Portanto, a luta de classes exprime-se e exerce-se nas formas ideológicas e assim também nas formas ideológicas dos AIE. Mas a luta

Se a tese que propusemos é fundamentada, somos conduzidos a retomar, embora precisando-a num ponto, a teoria marxista clássica do Estado. Diremos que por um lado é preciso distinguir o poder de Estado (e a sua detenção por...) e o Aparelho de Estado por outro lado. Mas acrescentaremos que o Aparelho de Estado compreende dois corpos: o corpo das instituições que representam o Aparelho repressivo de Estado, por um lado, e o corpo das instituições que representam o corpo dos Aparelhos Ideológicos de Estado, por outro lado.

Mas, se assim é, não podemos deixar de colocar a questão seguinte, mesmo no estádio,

---

de classes ultrapassa largamente estas formas, e é porque as ultrapassa que a luta das classes exploradas pode também exercer-se nas formas dos AIE, portanto virar contra as classes no poder a arma da ideologia.

E isto em virtude do *segundo princípio*: a luta de classes ultrapassa os AIE porque está enraizada em qualquer outra parte que não na ideologia, na infraestrutura, nas relações de produção que são relações de exploração e que constituem a base das relações de classe.

muito sumário, das nossas indicações: qual é exactamente a medida do papel dos Aparelhos Ideológicos de Estado? Qual pode ser o fundamento da sua importância? Noutros termos, a que corresponde a «função» destes Aparelhos Ideológicos de Estado, que não funcionam pela repressão, mas pela ideologia?

## **SOBRE A REPRODUÇÃO DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO**

Podemos agora responder à nossa questão central que permaneceu em suspenso durante longas páginas: *como é assegurada a reprodução das relações de produção?*

Na linguagem da tópica (infraestrutura, superestrutura), diremos: é, em grande parte assegurada<sup>1</sup> pela superestrutura, jurídico-política e ideológica.

Mas visto que considerámos indispensável ultrapassar esta linguagem ainda descritiva,

---

<sup>1</sup> Em grande parte. Porque as relações de produção são primeiro reproduzidas pela materialidade do processo de produção e do processo de circulação. Mas não se pode esquecer que as relações ideológicas estão imediatamente presentes nestes mesmos processos.

diremos: é, em grande parte, assegurada pelo exercício do poder de Estado nos Aparelhos de Estado, no Aparelho (repressivo) de Estado, por um lado, e nos Aparelhos Ideológicos de Estado, por outro lado.

Poderemos agora reunir o que foi dito anteriormente nos três sublinhados seguintes:

1) Todos os Aparelhos de Estado funcionam simultaneamente pela repressão e pela ideologia, com a diferença de que o Aparelho (repressivo) de Estado funciona de maneira massivamente prevalente pela repressão, enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de maneira massivamente prevalente pela ideologia.

2) Enquanto o Aparelho (repressivo) de Estado constitui um todo organizado cujos diferentes membros estão subordinados a uma unidade de comando, a da política da luta de classes aplicada pelos representantes políticos das classes dominantes que detêm o poder de Estado, — os Aparelhos Ideológicos de Estado são múltiplos, distintos, «relativamente autónomos» e susceptíveis de oferecer um campo objectivo a contradições que exprimem,

sob formas ora limitadas, ora extremas, os efeitos dos choques entre a luta de classes capitalista e a luta de classes proletária, assim como das suas formas subordinadas.

3) Enquanto a unidade do Aparelho (repressivo) de Estado é assegurada pela sua organização centralizada unificada sob a direcção dos representantes das classes no poder, executando a política de luta de classes das classes no poder, — a unidade entre os diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado é assegurada, na maioria das vezes em formas contraditórias, pela ideologia dominante, a da classe dominante.

Tendo em conta estas características, podemos então representar a reprodução das relações de produção<sup>1</sup> da maneira seguinte, segundo uma espécie de «divisão do trabalho»: o papel do Aparelho repressivo de Estado consiste essencialmente, enquanto aparelho repressivo, em assegurar pela força (física ou

---

<sup>1</sup> Na parte da reprodução para que contribuem o Aparelho repressivo de Estado e os Aparelhos Ideológicos de Estado.

não) as condições políticas da reprodução das relações de produção que são em última análise *relações de exploração*. Não só o aparelho de Estado contribui largamente para se reproduzir a ele próprio (existem no Estado capitalista dinastias de homens políticos, dinastias de militares, etc.), mas também e sobretudo, o aparelho de Estado assegura pela repressão (da mais brutal força física às simples ordens e interditos administrativos, à censura aberta ou tácita, etc.), as condições políticas do exercício dos Aparelhos Ideológicos de Estado.

São estes de facto que asseguram, em grande parte, a própria reprodução das relações de produção, «escudados» no aparelho repressivo de Estado. É aqui que joga massivamente o papel da ideologia dominante, a da classe dominante que detém o poder de Estado. É por intermédio da ideologia dominante que é assegurada a «harmonia» (por vezes precária) entre o aparelho repressivo de Estado e os Aparelhos Ideológicos de Estado, e entre os diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado.

Somos assim conduzidos a encarar a hipótese seguinte, em função da própria diversidade dos Aparelhos Ideológicos de Estado no seu

papel único, porque comum, da reprodução das relações de produção.

Enumerámos nas formações sociais capitalistas contemporâneas, um número relativamente elevado de aparelhos ideológicos de Estado: o aparelho escolar, o aparelho religioso, o aparelho familiar, o aparelho político, o aparelho sindical, o aparelho de informação, o aparelho «cultural», etc.

Ora, nas formações sociais do modo de produção «*servagista*» (normalmente dito feudal), observamos que, se existe um aparelho repressivo de Estado único, formalmente muito semelhante, a verdade é que não só a partir da Monarquia absoluta, como a partir dos primeiros Estados antigos conhecidos, ao que nós conhecemos, o número dos aparelhos ideológicos de Estado é menos elevado e a sua individualidade diferente. Observamos por exemplo que na Idade Média a Igreja (aparelho ideológico de Estado religioso) acumulava muitas das funções hoje atribuídas a vários aparelhos ideológicos de Estado distintos, novos em relação ao passado que evocamos, em particular funções escolares e culturais. A par da Igreja existia o Aparelho Ideológico de Estado familiar que desempenhava um papel considerável em com-

paração com o que desempenha hoje nas formações sociais capitalistas. Apesar das aperências, a Igreja e a Família não eram os únicos Aparelhos Ideológicos de Estado. Existia também um Aparelho Ideológico de Estado político (as Cortes, o Parlamento, as diferentes facções e Ligas políticas, antepassados dos partidos políticos modernos e todo o sistema político das Comunas francas e, depois, das Cidades). Existia também um poderoso Aparelho Ideológico de Estado «pré-sindical», arriscando esta expressão forçosamente anacrónica (as poderosas confrarias dos mercados, dos banqueiros e também as associações dos companheiros, etc.). Até a Edição e a Informação conheceram um desenvolvimento incontestável, assim como os espectáculos, primeiro, parte integrante da Igreja e depois cada vez mais independentes dela.

Ora, no período histórico pré-capitalista, que examinamos a traços largos, é absolutamente evidente *que existia um Aparelho Ideológico de Estado dominante, a Igreja*, que concentrava não só as funções religiosas mas também escolares, e uma boa parte das funções de informação e de «cultura». Não é por acaso que toda a luta ideológica do século XVI

ao século XVIII, a partir do primeiro impulso dado pela Reforma, *se concentra* numa luta anticlerical e anti-religiosa; não é por acaso, é em função da própria posição dominante do Aparelho Ideológico de Estado religioso.

A Revolução francesa teve antes de mais por objectivo e resultado fazer passar o poder de Estado da aristocracia feudal para a burguesia capitalista-comercial, quebrar em parte o antigo aparelho repressivo de Estado e substituí-lo por um novo (ex. o Exército nacional popular), — mas também atacar o aparelho ideológico de Estado n.º 1: a Igreja. Daí a constituição civil do clero, a confiscação dos bens da Igreja e a criação de novos aparelhos ideológicos de Estado para substituírem o aparelho ideológico de Estado religioso no seu papel dominante.

Naturalmente, as coisas não andaram por si: como prova, temos a Concordata, a Restauração e a longa luta de classes entre a aristocracia fundiária e a burguesia industrial ao longo de todo o século XIX pelo estabelecimento da hegemonia burguesa nas funções outrora desempenhadas pela Igreja: antes de mais, na Escola. Podemos dizer que a burguesia se apoiou no novo aparelho ideológico

de Estado político, democrático-parlamentar, criado nos primeiros anos da Revolução, em seguida restaurado após longas e violentas lutas, durante alguns meses em 1848, e durante dezenas de anos após a queda do Segundo Império, a fim de travar a luta contra a Igreja e de se apoderar das funções ideológicas desta, numa palavra, não só para assegurar a sua hegemonia política, mas também a sua hegemonia ideológica, indispensável à reprodução das relações de produção capitalistas.

É por isso que nos julgamos autorizados a avançar a Tese seguinte com todos os riscos que isso comporta: pensamos que o Aparelho Ideológico de Estado que foi colocado em posição *dominante* nas formações capitalistas maduras, após uma violenta luta de classes política e ideológica contra o antigo Aparelho Ideológico de Estado dominante, é o *Aparelho Ideológico escolar*.

Esta tese pode parecer paradoxal, se é verdade que para toda a gente, isto é, na representação ideológica que a burguesia pretende dar a si própria e às classes que ela explora, parece evidente que o Aparelho Ideológico de Estado dominante nas formações sociais capitalistas não é a Escola, mas o Aparelho Ideo-

lógico de Estado político, isto é, o regime de democracia parlamentar nascido do sufrágio universal e das lutas dos partidos.

E no entanto, a história, mesmo recente, mostra que a burguesia pôde e pode muito bem viver com Aparelhos Ideológicos de Estado políticos diferentes da democracia parlamentar: o Império, n.º 1 e n.º 2, a Monarquia da Carta (Luís XVIII e Carlos X), a Monarquia parlamentar (Luís Filipe), a democracia presidencialista (de Gaulle), para só falar da França. Em Inglaterra, as coisas são ainda mais manifestas. Neste país a Revolução foi particularmente bem «sucedida» do ponto de vista burguês, visto que, de maneira diferente da França, em que a burguesia, aliás devido à falta de visão da pequena nobreza, teve de aceder a deixar-se levar ao poder à custa de «jornadas revolucionárias», camponesas e plebeias, que lhe custaram terrivelmente caro, a burguesia inglesa conseguiu «compor» com a Aristocracia e «partilhar» com ela a detenção do poder de Estado e a utilização do aparelho de Estado durante muito tempo (paz entre todos os homens de boa-vontade das classes dominantes!) Na Alemanha as coisas são ainda mais manifestas, visto que foi sob um

aparelho ideológico de Estado político em que os Junkers imperiais (símbolo Bismark), o seu exército e a sua polícia, lhe serviam de escudo e de pessoal dirigente, que a burguesia fez a sua entrada estrondosa na história, antes de «atravessar» a república de Weimar e de se confiar ao nazismo.

Cremos portanto ter fortes razões para pensar que, por detrás dos jogos do seu Aparelho Ideológico de Estado político, que estava à boca de cena, o que a burguesia criou como Aparelho Ideológico de Estado n.º 1, e portanto dominante, foi o aparelho escolar, que de facto substituiu nas suas funções o antigo Aparelho Ideológico de Estado dominante, isto é, a Igreja. Podemos até acrescentar: o duo Escola-Família substituiu o duo Igreja-Família.

Porque é que o aparelho escolar é de facto o aparelho ideológico de Estado dominante nas formações sociais capitalistas e como é que ele funciona?

Por agora, basta dizer:

1. — Todos os Aparelhos Ideológicos de Estado, sejam eles quais forem, concorrem para um mesmo resultado: a reprodução das rela-

ções de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas.

2. — Cada um deles concorre para este resultado único da maneira que lhe é própria. O aparelho político sujeitando os indivíduos à ideologia política de Estado, a ideologia «democrática», «indirecta» (parlamentar) ou «directa» (plebiscitária ou fascista). O aparelho de informação embutindo, através da imprensa, da rádio, da televisão, em todos os «cidadãos», doses quotidianas de nacionalismo, chauvinismo, liberalismo, moralismo, etc. O mesmo acontece com o aparelho cultural (o papel do desporto no chauvinismo é de primeira ordem), etc. O aparelho religioso lembrando nos sermões e noutras grandes cerimónias do Nascimento, do Casamento, da Morte, que o homem não é mais que cinza, a não ser que saiba amar os seus irmãos até ao ponto de oferecer a face esquerda a quem já o esbofeteou na direita. O aparelho familiar..., etc.

3. — O concerto é dominado por uma partitura única, perturbada de quando em quando por contradições (as dos restos das antigas classes dominantes, as dos proletários e das

suas organizações): a partitura da ideologia da classe actualmente dominante, que integra na sua música os grandes temas do Humanismo dos Grandes Antepassados, que fizeram antes do Cristianismo o Milagre grego, e depois a Grandeza de Roma, a Cidade eterna, e os temas do Interesse, particular e geral, etc. Nacionalismo, moralismo e economismo.

4. — Contudo, neste concerto, há um Aparelho Ideológico de Estado que desempenha incontestavelmente o papel dominante, embora nem sempre se preste muita atenção à sua música: ela é de tal maneira silenciosa! Trata-se da Escola.

Desde a pré-primária, a Escola toma a seu cargo todas as crianças de todas as classes sociais, e a partir da Pré-Primária, inculca-lhes durante anos, os anos em que a criança está mais «vulnerável», entalada entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado Escola, «saberes práticos» (*des «savoir faire»*) envolvidos na ideologia dominante (o francês, o cálculo, a história, as ciências, a literatura), ou simplesmente, a ideologia dominante no estado puro (moral, instrução cívica, filosofia). Algures, por volta dos dezasseis anos, uma

enorme massa de crianças cai «na produção»: são os operários ou os pequenos camponeses. A outra parte da juventude escolarizável continua: e seja como for faz um troço do caminho para cair sem chegar ao fim e preencher os postos dos quadros médios e pequenos, empregados, pequenos e médios funcionários, pequeno-burgueses de toda a espécie. Uma última parte consegue aceder aos cumes, quer para cair no semi-desemprego intelectual, quer para fornecer, além dos «intelectuais do trabalhador colectivo», os agentes da exploração, (capitalistas, *managers*), os agentes da repressão (militares, polícias, políticos, administradores) e os profissionais da ideologia (padres de toda a espécie, a maioria dos quais são «laicos» convencidos). ✎

Cada massa que fica pelo caminho está praticamente recheada da ideologia que convém ao papel que ela deve desempenhar na sociedade de classes: papel de explorado (com «consciência profissional», «moral», «cívica», «nacional» e apolítica altamente «desenvolvida»); papel de agente da exploração (saber mandar e falar aos operários: as «relações humanas»), de agentes da repressão (saber mandar e ser obedecido «sem discussão» ou

saber manejar a demagogia da retórica dos dirigentes políticos), ou profissionais da ideologia (que saibam tratar as consciências com o respeito, isto é, com o desprezo, a chantagem, a demagogia que convêm, acomodados às subtilezas da Moral, da Virtude, da «Transcendência», da Nação, do papel da França no mundo, etc.).

É claro, grande número destas Virtudes contrastadas (modéstia, resignação, submissão, por um lado, cinismo, desprezo, altivez, segurança, categoria, capacidade para bem-falar e habilidade) aprendem-se também nas Famílias, nas Igrejas, na Tropa, nos Livros, nos filmes e até nos estádios. Mas nenhum Aparelho Ideológico de Estado dispõe durante tanto tempo da audiência obrigatória (e ainda por cima gratuita...), 5 a 6 dias em 7 que tem a semana, à razão de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista.

Ora, é através da aprendizagem de alguns saberes práticos (*savoir-faire*) envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, que são em grande parte reproduzidas as *relações de produção* de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores e de exploradores com

explorados. Os mecanismos que reproduzem este resultado vital para o regime capitalista são naturalmente envolvidos e dissimulados por uma ideologia da Escola universalmente reinante, visto que é uma das formas essenciais da ideologia burguesa dominante: uma ideologia que representa a Escola como um meio neutro, desprovido de ideologia (visto que... laico), em que os mestres, respeitosos da «consciência» e da «liberdade» das crianças que lhes são confiadas (com toda a confiança) pelos «pais» (os quais são igualmente livres, isto é, proprietários dos filhos) os fazem aceder à liberdade, à moralidade e à responsabilidade de adultos pelo seu próprio exemplo, pelos conhecimentos, pela literatura e pelas suas virtudes «libertadoras».

Peço desculpa aos professores que, em condições terríveis, tentam voltar contra a ideologia, contra o sistema e contra as práticas em que este os encerra, as armas que podem encontrar na história e no saber que «ensinam». Em certa medida são heróis. Mas são raros, e quantos (a maioria) não têm sequer um vislumbre de dúvida quanto ao «trabalho» que o sistema (que os ultrapassa e esmaga) os obriga a fazer, pior, dedicam-se inteira-

mente e em toda a consciência à realização desse trabalho (os famosos métodos novos!). Têm tão poucas dúvidas, que contribuem até pelo seu devotamento a manter e a alimentar a representação ideológica da Escola que a torna hoje tão «natural», indispensável-útil e até benfazeja aos nossos contemporâneos, quanto a Igreja era «natural», indispensável e generosa para os nossos antepassados de há séculos.

De facto, a Igreja hoje foi substituída pela Escola no seu papel de *Aparelho Ideológico de Estado dominante*. Está emparelhada com a Família como outrora a Igreja o estava. Podemos então afirmar que a crise, de uma profundidade sem precedentes, que por esse mundo fora abala o sistema escolar de tantos Estados, muitas vezes conjugada com uma crise (já anunciada no *Manifesto*) que sacode o sistema familiar, adquire um sentido político, se considerarmos que a Escola (e o par Escola-Família) constitui o Aparelho Ideológico de Estado dominante, Aparelho que desempenha um papel determinante na reprodução das relações de produção de um modo de produção ameaçado na sua existência pela luta de classes mundial.